

A CURA DO GENE MUTANTE REPRESENTADA NO UNIVERSO DOS X-MEN E A SEMELHANÇA COM OS PRECEITOS DA DENOMINADA CURA GAY

THE MUTANT GENE CURE REPRESENTED IN THE X-MEN UNIVERSE AND THE SIMILARITY WITH THE PRECEPTS OF THE SO-CALLED GAY CURE

IURI SIMÕES MOTA

Possui graduação em Direito e Mestrado em Letras/Estudos Literários pela Universidade Estadual de Montes Claros. Atualmente é Professor e Coordenador do curso de Direito da Faculdade Santo Agostinho, unidade Montes Claros - Afya. Membro da Rede Brasileira de Direito e Literatura - RDL. Editor Associado da Revista Eletrônica Norte Mineira de Direito - Erga Omnes. Tem experiência na área de Direito, com ênfase em Direito Constitucional, Direito Administrativo, Direito Agrário e na área de Literatura, com ênfase no romance brasileiro no século XIX.

BRUNO NEVES

Bacharel em Direito pela Faculdade de Direito Santo Agostinho (FADISA) e Pós-graduado em Direito Internacional pela Faculdade Pólis Civitas.

RESUMO

Durante toda a sua trajetória, os X-men foram considerados primeiramente como aberrações para posteriormente serem observados como heróis pela sociedade. Na *graphic novel* Superdotados da revista Os Surpreendentes X-men, escrita por Joss Whedon e desenhada por John Cassaday, lançada em 2004, o arco inicial desenvolve a narrativa da cura do gene mutante. A Geneticista Kavita Rao declara que os mutantes são pessoas normais, não são uma evolução, mas que estão doentes por causa do gene mutante. Os mutantes são pessoas doentes, sendo possível serem curados. Passagens extraídas das páginas das revistas em quadrinho refletem os acontecimentos atuais e factuais, tal qual a hipótese de uma possível cura gay. Mesmo em um ambiente ficcional a construção da segregação, luta contra o preconceito e aceitação do diferente servem como pano de fundo para muitas histórias pertinentes, possibilitando uma crítica social. A presente pesquisa busca apresentar os pontos de relevância que expõem a representação entre os mutantes e os homossexuais em nossa sociedade.

Palavras-chave: X-Men; Cura Mutante; Preconceito; Cura Gay; Diferenças.

ABSTRACT

Throughout their trajectory, The X-men were first considered as aberrations to later be seen as heroes by society. In The Amazing X-Men magazine Gifted graphic novel, written by Joss Whedon and drawn by John Cassaday, released in 2004, the initial arc develops the narrative of the mutant gene cure. Geneticist Kavita Rao declares that mutants are people's normal, they are not an evolution, but they are sick because of the mutated gene. Mutants are sick people, and it is possible to be cured. Passages taken from the pages of comic books reflect current and factual events, as does the hypothesis of a possible gay cure. Even in a fictional environment, the construction of segregation, the fight against prejudice, and acceptance of the different services as a backdrop for many relevant stories, enable social criticism. The present research seeks to present the points of relevance that expose the representation between mutants and homosexuals in our society.

Keywords: X-Men; Mutant Healing; Prejudice; Gay Healing; Differences.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO; 1 O POTENCIAL DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NO DESENVOLVIMENTO DE NARRATIVAS REPRESENTATIVAS; 1.1 Universo mutante como simbolismo da homossexualidade; 2 A POSSIBILIDADE DE TRATAMENTO AOS MUTANTES COMO REPRESENTAÇÃO DA DISCRIMINAÇÃO E DA CURA GAY; 3 CURA GAY: DISCUSSÃO SOBRE A PATOLOGIZAÇÃO DA HOMOSSEXUALIDADE NO BRASIL; CONCLUSÃO; REFERÊNCIAS.

INTRODUÇÃO

O universo das histórias em quadrinho sempre permeou o imaginário infantil. Considerados por muitos apenas uma forma banal de entretenimento, as histórias contadas nas páginas se mostraram uma arma de transmissões de ideias e críticas sociais relevantes, presente nos subtextos, nos diálogos entre as personagens e até mesmo nas entrelinhas de uma cena de ação. São destinados a reflexão para o público em geral. A representação da vida real, como arma, mostra-se de maneira subjetiva ou de maneira mais direta, expondo a ferida de uma sociedade.

Os X-Men, são a forma mais direta de enxergamos as HQs como um mecanismo que transborda analogias em suas histórias e personagens. O grupo de heróis é o que mais sofre ódio e repúdio pela população em geral. O diferencial dos mutantes para outros tantos heróis criados é a forma como os seus poderes são concedidos. A mutação é uma condição pessoal, o indivíduo já nasce com o gene mutante, não é uma escolha estar em seu DNA. Divergindo do padrão social de normalidade. Sofrendo preconceito da sociedade por serem quem são.

A humanidade, na verdade, odeia a necessidade de se adaptar ao diferente; parece até contraditório pela constante mudança que o ser humano enfrenta com o passar do tempo. Mas a diversidade sexual não é algo atual. O amor sempre existiu: o ser humano é um ser sociável que passa a sua vida em busca de um acolhimento sentimental. O que é novo na sociedade e que causa o desconforto na heteronormatividade é a constante luta por direitos básicos que os membros da comunidade LGBTQIA+ buscam no meio social em frente à discriminação.

Os mutantes foram concebidos na clara representação das lutas dos grupos minoritários. Percalços percorridos pelos homossexuais, julgados por sua condição sexual, pode ser considerada uma alegoria da vida mutante.

Utilizando como base a *graphic novel* Superdotados da revista Os Surpreendentes X-Men, escrita por Joss Whedon e desenhada por John Cassaday, lançada em 2004, onde o arco inicial desenvolve a narrativa da cura do gene mutante, criada por uma geneticista que conceitua os mutantes como pessoas doentes, possíveis de serem curadas através de uma vacina.

Compreende uma visível representação da possibilidade de uma “cura gay”, discutida no legislativo através do Projeto de Lei nº 4931/2016, de iniciativa do Deputado Ezequiel Teixeira, que afirmava que a homossexualidade era um transtorno passível de tratamento realizado por psicólogos.

Além do campo legislativo, o judiciário também enfrentou discussão sobre a cura da homossexualidade. Um grupo de psicólogos moveram Ação Popular de nº 1011189-79.2017.01.3400 em face da Resolução 01/99, do Conselho Federal de Psicologia do Brasil, que proíbe a oferta por psicólogos de tratamentos visando alterar a orientação sexual de homossexuais em conflito com sua sexualidade.

Assim, através da perspectiva do arco das histórias em quadrinhos dos X-Men referente à “cura mutante”, vislumbra-se a atuação da sociedade no campo legislativo e judiciário brasileiro em transformar a homoafetividade em patologia suscetível de tratamento.

O artigo se divide em quatro tópicos: inicialmente se busca apresentar o contexto ficcional desenvolvido no universo mutante criado por Stan Lee e Jack Kirby e sua representação com os desafios enfrentados pelos homossexuais. Posteriormente é destrinchado como a possibilidade de uma cura mutante apresentada na HQ pode ser um reflexo da atuação da sociedade em buscar no Legislativo e Judiciário brasileiros mecanismos para tratamentos para os homossexuais, conhecidos como “cura gay”.

Para o desenvolvimento deste artigo foi adotado o método de procedimento monográfico e o método de abordagem dedutivo, onde foram realizadas pesquisas bibliográficas, artigos e legislação. Propõe a um levantamento de contribuições científicas e culturais utilizando como fontes artigos científicos e história em quadrinhos.

1 O POTENCIAL DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NO DESENVOLVIMENTO DE NARRATIVAS REPRESENTATIVAS

As HQs podem ser consideradas um mecanismo ágil de transmissões de ideais para o público em massa. Críticas sociais e discursões consideradas pertinentes em nossa sociedade sempre estão presente nas páginas. A busca por adaptar anseios, preconceitos e frustrações sociais é latente, sendo possível a retratação utilizando de realidades ficcionais.

Protegidas pela tinta e pelo papel, os personagens das HQ's materializam representações que são constantemente retomadas, re-atualizadas e normatizadas sob a forma de um simples exercício de leitura; do jogo lúdico entre palavra e imagem, que aparentemente desvincula do mundo real, retoma, recria e fundamenta modelos e saberes (OLIVEIRA, 2007, p. 23).

Stan Lee e Jack Kirby foram pioneiros em trazer para o campo ficcional a representação do diferente sobre o olhar do viés social. Quando transformaram o universo em quadrinhos em 1963, criando super-heróis que, devido ao gene mutante, já nasciam com superpoderes, grupo que ficou conhecido como X-Men. Temas como preconceito sempre ficaram claros ao revelar como a humanidade enxergava os mutantes, quebrando o estereótipo clássico dos heróis admirados pelo público.

Disponibilizado na plataforma de *streaming* Disney+, o documentário “Marvel Por trás da Máscara” (2021) nos é apresentado um dos “*Stan's SoapBox*”, coluna sobre notícias que Stan Lee costumava publicar nas páginas das HQs da Marvel, manifestando sua opinião sobre a diversidade no ano de 1980:

Pensem comigo, pessoal. É hora da filosofia! A natureza humana não muda. É o ambiente. O fato é que o mundo está mudando muito, produzindo novas regras cada vez que você pisca. Nenhum de nós é diferente. Todos queremos as mesmas coisas da vida. Segurança, diversão, romance, amizade e o respeito de todos. Isso serve para indianos, chineses, russos, judeus, árabes, católicos, protestantes, pretos, marrons, brancos e Hulks de pele verde. Vamos parar de desperdiçar tempo odiando os outros caras. Olhe no espelho, senhor. O outro cara é você. Excelsior. Stan (DISNEY+, 2021)

Em entrevista, Stan Lee, afirma que desde a concepção de criação dos mutantes, a intenção principal era criar estes personagens para discutir discriminação em geral: “fazer uma história contra intolerância de todos os tipos”¹. A fala de Stan Lee reafirma a origem das histórias em quadrinhos como “quase uma metáfora cultural ideal para experiência gay e para perseguição da diferença sexual”².

Reiterando o seu olhar de que as histórias em quadrinhos não necessitam ser estritamente um entretenimento vazio, Lee declara que “a Marvel sempre foi e sempre será um reflexo do mundo logo depois de nossas janelas”³. Reforça que a Marvel produz histórias para todos, “independente de sua raça, gênero, religião ou a cor da pele”⁴, em vídeo disponibilizado no Youtube.

Os poderes dos mutantes se manifestam no período da adolescência. Além dos desafios inerentes a essa idade, os X-Men tinham que encarar ameaças de vilões extraterrestres de dimensões paralelas. Decorre que, durante toda a trajetória de arcos e histórias contadas através das páginas em quadrinhos percorridos pelos X-Men, o principal vilão é a humanidade. Os humanos são os principais inimigos declarados dos mutantes, com um desejo recorrente de eliminar o diferente, por considerá-los um afronte à humanidade.

A origem mutante pode ser explicada de maneira direta:

Todos os dias, nascem mutantes em números cada vez maiores e o pânico e a paranoia da humanidade crescem exponencialmente. Os Mutantes são chamados de aberrações, monstruosidades genéticas. São humilhados, temidos, ofendidos, acusados de roubar trabalhos humanos, comer alimentos humanos e tomar cônjuges humanos. No entanto, eles continuam emergindo nas cidades, subúrbios, desertos e selvas. Precisam de professores, pessoas que os ajudem a superar a ira e os ensinem a usar suas estranhas habilidades de forma responsável. Sob nuvens de um crescente sentimento antimutante, o professor X criou um abrigo seguro em sua mansão em Winchester, para treinar jovens a usarem seus dons genéticos únicos para o aprimoramento de todos. Odiados e temidos pela humanidade, esses párias aventureiros continuam a aperfeiçoar seus estranhos poderes enquanto defendem o mundo dos mutantes que tiram vantagens de suas capacidades para subjugar a espécie humana (BEAZLEY; YOUNGQUIST; BRADY, 2005, p. 162).

¹ Earnest, William. „Making gay sense of the X-Men.“ *Uncovering hidden rhetorics: Social issues in disguise*: 2007. P.219

² Ibid., P.219

³ LEE, Stan. Homenagem Mensagem de Stan Lee. Youtube, 12 de nov. de 2018.1 vídeo (1:18) Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=A11TDdwgOxA>> Acesso em: 24 de abri. 2022.

⁴ Ibid.

O ponto central dos arcos dramáticos desde a concepção do universo mutante estabelece uma representação da luta de grupos minoritários sociais factuais. A construção dos elementos característicos dos X-Men ultrapassa a análise superficial de meros personagens criados para universos ficcionais. O seu desenvolvimento condiz com a narrativa factual de elementos característicos de grupos marginalizados, tal como a comunidade LGBTQIA+.

1.1 Universo mutante como simbolismo da homossexualidade

Particularidades relevantes de autoconhecimento desenvolvida pelas personagens, associados ao preconceito e principalmente nas lutas invidiais de autoaceitação, possibilita uma representação em potencial da discriminação e dificuldades existentes entre a figura dos mutantes e os homossexuais.

A discursão repercutiu além das páginas, serviu como base para a versão cinematográfica dos personagens de Stan Lee, proporcionando à franquia de filmes sobre os mutantes que começou em 2000, com o lançamento de “X-Men”. O diretor Bryan Singer, responsável pela primeira adaptação cinematográfica, identificou-se com as histórias, conforme entrevista concedida ao portal de notícias *Collider* (2016):

A temática era muito interessante para mim. Eu via Xavier e Magneto como Martin Luther King e Malcolm X. Eu sou gay ou bissexual, tanto faz, então isso ressoou mais forte em mim, pois as mutações são descobertas na época da puberdade, quando você se sente diferente de todo o seu bairro e sua família, além de se sentir muito isolado. (COLLIDER, 2016)

O ator Ian McKellen – homossexual assumido e que dá vida ao vilão Magneto –, em matéria vinculada no *BuzzFeed* (2014), expõe que o seu interesse em realizar o primeiro filme da saga em 2000 veio através de conversas com Bryan que evidenciou que a produção seria uma representação das lutas sociais dos grupos minoritários: “Eu comprei a ideia quando Bryan disse: ‘Mutantes são como gays. Eles são excluídos pela sociedade sem nenhuma razão aparente’”.⁵

⁵. MCKELLEN'S, Ian. Powerful Message To Those Living In The Closet. 2014. Disponível em: <https://www.buzzfeed.com/jaimieetkin/ian-mckellen-ellen-page-living-in-the-closet?utm_term=.rmElaAv0l#.lv2W974NW> Acesso em: 12 de abril. 2022.

Bryan em diversas declarações na mídia reitera a analogia dos X-Men com a homossexualidade. Atrás de todo aquele cenário fantasioso criado no universo mutante com lutas cheias de efeitos especiais carregados de cenas de ação, vislumbra-se também a retratação do preconceito sofrido pelos mutantes. Conforme elucidada ao portal *EW* (2014):

Isso sempre foi algo muito específico dos X-Men que se relaciona diretamente com a comunidade LGBT. Você nasce em uma família ou em um bairro em que você não se identifica. Uma pessoa com uma determinada religião ou raça nasce em uma comunidade de fé semelhante ou atributos físicos iguais. Mas uma pessoa LGBT nasce em um mundo – para usar o exemplo dos X-Men – como um mutante. E, claro, que os pais não são mutantes, seus irmãos e irmãs podem não ser mutantes. E eles sentem um tipo único de solidão. (EW, 2014)

A sociedade ainda tem uma adversidade com o diferente. Verifica-se a carga dramática do universo X-Men: além do desenvolvimento dos poderes e as mudanças de características físicas, a luta para ocupar um lugar na sociedade perante a discriminação é ostentado no decorrer das histórias.

Seres humanos diferentes foram obrigados a aprender a conviver (ou não), que conduz à questão da alteridade. [...] A reflexão acerca do outro sempre ocorre no encontro com o outro diferente e, nesse encontro, a alteridade sempre oscilava entre uma visão depreciativa e uma visão ingênua acerca do outro diferente. [...] Mas ambas as visões desconsideravam o outro como ser humano (REBLIN, 2008, p. 83-84)

A construção social de desenvolvimento no plano ficcional consta a presença de dois grupos distintos marcantes: os mutantes e os humanos. Evidenciam as tensões geradas devido a diferença e à intolerância na convivência entre ambos, extrapolando as páginas e passando a representar o tratamento da sociedade perante a diversidade sexual, daqueles que não se encaixam no padrão heteronormativo.

Os X-Men à vista da sociedade são considerados um grupo marginalizado, construindo-se acerca deles uma estereotipagem, mecanismo este “que reduz as pessoas a algumas poucas características simples e essenciais, que são representadas como fixas por natureza”⁶. A

⁶ HALL, Stuart. Cultura e representação. Rio de Janeiro: PUC: Apicuri, 2016, p 190

padronização de corpos e características consideradas normais possibilita uma atuação carregada de pré-conceitos contra indivíduos que extrapolam a linha que é tido como aceitável. A coletividade exclui tudo o que é considerado inaceitável, diferente, que fuja da sua estereotipagem estabelecida.

[...] a estereotipagem facilita a “vinculação”, os laços, de todos nós que somos “normais” e uma “comunidade imaginária”; e envia para o exílio simbólico todos Eles, “os Outros”, que são de alguma forma diferentes, “que estão fora dos limites” [...] (HALL, 2016, p. 192).

Ainda é nítido que a sociedade tem dificuldades para entender, aceitar e respeitar aquilo que não é considerado “normal”. A narrativa de exclusão e discriminação não apenas reflete acontecimentos atuais como, também, possibilita uma análise ampla das relações humanas. O preconceito instaurado na sociedade cria um clima de medo e perseguição contra o diferente, em que não se prioriza a tentativa do diálogo, o que leva a questões como o extermínio e a possibilidade de cura para onde não existe doença.

Do mesmo modo que os mutantes são vistos como aberrações por suas variações físicas; a heteronormatividade reflete a visão discriminatória, preconceituosa e antiquada, baseada em identificação unicamente binária de sexo biológico, orientação sexual e identidade de gênero. Essa visão quadrada sobre a diversidade sexual ainda é latente.

[...] uma pessoa, ao ser classificada como homem ou mulher (sexo biológico), terá, naturalmente, o sentimento e o comportamento masculino ou feminino (identidade ou papel de gênero) e o seu desejo sexual será dirigido para pessoas de sexo e/ou gênero diferente do seu. Esses três elementos – sexo, gênero, orientação – são pensados em nossa cultura como estando sempre combinados de uma mesma maneira – homem masculino heterossexual ou mulher feminina heterossexual. É possível, entretanto, inúmeras combinações entre eles [...]. (ZAMBRANO; HEILBORN, 2007)

O exemplo mais nítido da representação pertinente entre a comunidade LGBTQIA+ e os mutantes é a incansável luta pela aceitação e a infatigável busca da sociedade por uma “cura”, onde as histórias em quadrinhos dos X-Men servem de referência para as discussões atuais. Ao passo que tudo aquilo que fuja da normalização é visto como doença.

A naturalização da norma heterossexual, ao aprisionar as subjetividades no binarismo hétero/homossexual, cria automaticamente mecanismos de saber e de poder, nos quais a diferença é exposta como um desvio ou como uma anomalia.

Definido o comportamento ou o modo de ser desviante a partir da regra heterossexual, o controle social formal é instrumentalizado nos processos de criminalização (direito penal) e de patologização (psiquiatria) da diferença. Outrossim, para além destas respostas sancionadoras produzidas nas e pelas agências de punitividade (violência institucional), a lógica heteronormativa potencializa inúmeras outras formas de violência (simbólicas e interindividuais) nas quais a diversidade sexual é vitimizada (homofobia) (CARVALHO, 2017, p. 204 e 205).

Essas narrativas dos arcos dramáticos referentes à cura mutante não entram numa bipartição simplória entre vilões e heróis. Apresenta-se as ações de diferentes agentes, especialmente a presença maciça do Estado, em busca de um monopólio para destruir os mutantes e, por outro, as reações dos mutantes objetivando se defender ou mesmo contra-atacar os humanos.

2 A POSSIBILIDADE DE TRATAMENTO AOS MUTANTES COMO REPRESENTAÇÃO DA DISCRIMINAÇÃO E DA CURA GAY

A cura mutante no universo das HQs dos X-Men foi desenvolvida na *graphic novel* “Superdotados” da revista “Os Surpreendentes X-Men”, escrita por Joss Whedon e desenhada por John Cassaday, lançada em 2004. A forma como a cura é configurada e os dilemas sofridos pelos mutantes gera uma representação sobre como esses heróis podem ser analisados como um simbolismo à comunidade LGBTQIA+.

Nesta construção do arco dramático, Whedon (2004) aponta para a dedicação dos X-Men em mudar a sua imagem perante a sociedade. Serem bem-vistos, mostrando que não são aberrações. Emma Frost, personagem central da história, sustenta que o mundo vai sempre odiá-los, devendo se controlar e evitar a violência. Passando para a sociedade que os mutantes são um povo passivo.

Ao passo que o grande inimigo dos mutantes, muito mais perigoso do que qualquer forma maligna com poderes sobrenaturais, está encoberto nos dizeres da geneticista Dra. Rao, que estabelece que mutantes são pessoas normais, não sendo o próximo degrau evolucionário e nem o fim da humanidade, mas o gene mutante não passa de uma doença. Os mutantes são reconhecidos como pessoas, porém pessoas doentes.

A relação dos mutantes e a sociedade se baseia no medo e discriminação, ambas as partes enfrentam uma guerra de aceitação e autoaceitação. Os mutantes são atacados com grandes cargas

emocionais deferidas pelos considerados “normais”. A pressão social desencadeia procedimentos contraditórios e prejudiciais. A decretação que os mutantes são doentes não passa de uma forma do Poder Público lidar com aquilo que diverge da consciência normativa social.

No arco, os mutantes conversam sobre a Dra. Rao e as possíveis consequências para eles em termos de direitos pessoais e políticos. É ostentado uma divisão de entendimentos entre os mutantes: o medo e a possibilidade de uma cura irreversível despertam em alguns mutantes o desejo de se tornar normal. Outros, por sua vez, expressam as relações de poder cotidianas que existem nessa situação de extremismo antimutante, que podem manter o Estado totalitário aliado à ciência.

A cura atrai mutantes e desperta o interesse por discursão sobre a normalidade. Fera, personagem integrante do grupo X-Men, demonstra disposição em utilizar a cura; já Wolverine, Emma Frost e Ciclope enxergam a suposta cura como uma forma de extermínio do povo mutante.

É descoberto, no desenrolar da história, que a cientista utilizou do corpo de um mutante como cobaia para fazer os experimentos até chegar numa cura. Além de que toda a tecnologia utilizada para a realização do chamado “soro esperança” foi financiada pelo vilão alienígena Ord, que tinha imunidade diplomática reconhecida pelo Governo e que apoiava os seus objetivos em eliminar todos os mutantes, aproveitando da cientista e da humanidade para fomentar a discriminação pelos mutantes, valendo-se do discurso de natureza libertadora que a Dra. Rao recorreu para divulgar a cura.

Desta forma, evidencia a representação existente entre o universo mutante e a comunidade LGBTQIA+, assim como as várias instituições e suas relações de poder; o científico e o governamental se entrelaçam na adjetivação e diagnóstico de que os mutantes são pessoas doentes. Observa-se o mesmo em nosso cotidiano no que diz respeito à possível cura da homossexualidade.

A representação do vilão Ord mostra-se como uma analogia ao sentimento opressivo em uma sociedade heteronormativa que atinge aqueles que não se enquadram. A luta de Ord em curar/destruir os mutantes está relacionada com a crença no perigo que esses representam para a sobrevivência de seu mundo. Ord conjectura os mutantes uma ameaça ao seu planeta, o Grimamundo, devido a uma profecia que diz que um mutante, provavelmente um X-Men, estaria destinado a destruir sua terra natal.

O que também pode ser interpretada como uma tentativa de manter a normatização heteronormativa. Na HQ a frase dita pelo personagem – “E que o homem não foi feito para voar”⁷ – é a ilustração da relação binária entre sexo, gênero, desejo e prática sexual que caracteriza o masculino e feminino em uma relação heterossexual. Aqui observar -se as relações de poder que permeiam o sentimento antimutante de Ord e sua analogia com a opressão que atinge os homossexuais.

O arco dramático da cura mutante foi adaptado para o cinema no longa “X-Men – O confronto final” (2006). A noção da discriminação sofrida pelos mutantes foi desenvolvida de maneira que demonstrou a lucidez na analogia existente ente o gene mutante e a condição sexual. A versão cinematográfica é um carro de alegorias que reflete friamente a realidade. Os diálogos das personagens pegam o estabelecido nos quadrinhos dos “Os Surpreendentes X-Men” e aumentam o nível de crítica social. A cura é anunciada pelo governo nos seguintes termos:

Os assim chamados de mutantes são pessoas como nós. O que os aflige é uma doença, uma corrupção da atividade celular. Mas estou aqui para dizer que há uma esperança. Este lugar, que antes já foi a mais famosa prisão será agora a fonte de liberdade dos mutantes que a escolherem. Senhoras e Senhores eu tenho orgulho de anunciar a resposta às mutações. Finalmente temos uma cura. (X-Men – O confronto final, 2006).

Nessa versão a cura é possível através de um superdotado que possui o poder de anular o gene mutante, servindo como cobaia pelo Governo que utiliza do seu DNA para a fabricação do soro. O embate entre o medo e a autoaceitação é enfrentado e discutido. Tempestade reforça: “Quem ia querer essa cura? Que covarde faria isso para ser aceito? Não estamos doentes, não há nada a ser curado”⁸. Outros mutantes, como Magneto, encaram esse discurso de liberdade como uma farsa do Governo para exterminar os mutantes. A cura não é uma livre escolha dos mutantes, mas uma imposição do Estado.

Fera expõe o desejo mutante em permanecer no padrão considerado normal pela sociedade; o dilema de autoaceitação e a pressão social aliada à descriminação acha compreensível alguns

⁷ WHEDOW, J.; CASSADAY, J. Surpreendentes X-Men Volume 1 - Superdotados. Panini Comics, 2008

⁸ X-Men 3: O Confronto Final. Direção: Brett Ratner. Produção: Lauren Shuler Donner, Ralph Winter, Avi Arad. Roteiro: Simon Kinberg, Zak Penn. Produtora 20th Century Fox/Marvel Entertainment, Ingenious Film Partners, The Donners' Company. Distribuição: 20th Century Fox. 2006. Disponível em: DisneyPlus. Acesso em: 24 de abri. 2022.

mutantes buscarem a cura, pois entende que nem todos conseguem lidar com o fato de serem diferentes, aberrações aos olhos dos humanos.

[...] conceito de “passar por” - fingir ser normal - é uma experiência de vida real, importante e bem documentada, vivida por alguns homossexuais e afro-americanos de pele clara. É uma experiência que dá ao anormal (o termo sendo usado apenas como descritivo) a habilidade de ser tratado como normal, permitindo-lhe confrontar ou não sua diferença e adaptação (HOPKINS, 2009, p. 24).

Ao passo que o suposto caráter de livre arbítrio que a cura era divulgada passou a cair por terra quando o poder público começou a utilizar o soro como arma contra aqueles mutantes que se recusavam a se submeter ou praticar atos contra a cura mutante.

Do mesmo modo que a possibilidade de curar mutantes surgiu nos quadrinhos da Marvel, o mesmo ocorre em nossa sociedade. Relatos da mídia, discursões no legislativo e no judiciário sugerem tentativas de mudar a orientação sexual dos homoafetivos: a possibilidade de uma chamada "cura gay".

Com constância a nossa sociedade expõe comportamento de desvalorização e discriminação contra grupos minoritários, como ocorre contra os homossexuais, causando impactos veementes na vida desses membros através de atuações políticas e judiciais, enfrentando dilemas para usufruir de direitos básicos dos demais cidadãos, tais como a liberdade e o direito apenas de existir sendo “diferente” sobre o olhar da hegemonia. Enfrentando violência física, são diminuídos e ofendidos em suas vidas privadas. Como exemplo da prática dessa perseguição factual temos a ascendência de projetos de lei com o objetivo de “curar” homoafetivos e ações judiciais para a regulamentação de tratamento psicológico por causa da homossexualidade.

É visível que o campo ficcional e o factual se refletem, vez que a perseguição do diferente não apenas está presente nas páginas das histórias em quadrinhos. A humanidade sempre se reinventa e acaba se tornando o seu próprio veneno. A discriminação é pulsante em todas as épocas e lugares. As armas, utilizadas para eliminar os mutantes através do meio judiciário e legislativo embasado em discurso de esperança de liberdade, também está presente no Brasil.

É inerente em nossa sociedade a atuação dos entes de poder, de profissionais de diversas áreas e principalmente figuras políticas e religiosas; a ação dualista da imprensa e do Estado

parecem buscar esforços na tentativa em definir e estabelecer um saber sobre a homossexualidade voltado a curar e categorizar como transtorno ou doença a diversidade sexual.

3 CURA GAY: DISCUSSÃO SOBRE A PATOLOGIZAÇÃO DA HOMOSSEXUALIDADE NO BRASIL

Discursos discriminatórios acerca da orientação sexual são frequentes no legislativo: grupos conservadores reafirmam suas manifestações ofensivas. O Projeto de Lei nº 4931/2016, do Deputado Ezequiel Teixeira, que gerou espanto no âmbito social e político sobre a possibilidade de uma “cura gay”, é um exemplo de uma manifestação ofensiva nesse sentido. O objetivo da PL era regulamentar terapias de orientação sexual e permitir a realização de “tratamento” dos indivíduos com “transtorno de orientação sexual”. Como preconiza o artigo 1º da PL:

Art. 1º. Fica facultado ao profissional de saúde mental, atender e aplicar terapias e tratamentos científicos ao paciente diagnosticado com os transtornos psicológicos da orientação sexual egodistônica, transtorno da maturação sexual, transtorno do relacionamento sexual e transtorno do desenvolvimento sexual, visando auxiliar a mudança da orientação sexual, deixando o paciente de ser homossexual para ser heterossexual, desde que corresponda ao seu desejo (BRASIL, PL nº 4931/2016, p. 01)

Na justificativa da PL é possível destacar a similaridade entre o seu teor e as declarações da Dra. Rao, que utiliza de uma liberdade de escolha visando o extermínio do diferente. De acordo com a PL, a homossexualidade é um “transtorno”; seria assim submetido a esse tratamento pessoas que o desejassem e o realizassem de livre consentimento para uma melhoria significativa na qualidade de vida.

O Projeto de Lei foi apresentado em 2016, sendo somente arquivado em 31 de janeiro de 2019, o que aponta para a atualidade da discussão do tema em nossa sociedade.

A homossexualidade constitui uma variação natural da sexualidade humana, não podendo ser considerada uma condição patológica. Conforme estabelece a Organização Mundial da Saúde (1990), a homossexualidade não é considerada uma doença.

A Resolução 01/99, do Conselho Federal de Psicologia do Brasil (BRASIL,1999), proíbe a oferta por psicólogos de tratamentos visando alterar a orientação sexual de homossexuais em conflito com sua sexualidade.

Art. 3º. os psicólogos não exercerão qualquer ação que favoreça a patologização de comportamentos ou práticas homoeróticas, nem adotarão ação coercitiva tendente a orientar homossexuais para tratamentos não solicitados. Parágrafo único: Os psicólogos não colaborarão com eventos e serviços que proponham tratamento e cura das homossexualidades. Art. 4º. Os psicólogos não se pronunciarão, nem participarão de pronunciamentos públicos, nos meios de comunicação de massa, de modo a reforçar os preconceitos sociais existentes em relação aos homossexuais como portadores de qualquer desordem psíquica. (BRASIL, Conselho Federal de Psicologia do Brasil, 1999)

No cerne da sua idealização dos X-Men é perceptível a visão de que mutação em si não é a causa do sofrimento, mas a falta de acolhimento da sociedade para com os mutantes de modo a não os aceitar. Com tal característica, o Conselho Federal de Psicologia, ao publicar a resolução 01/99, entende que o sofrimento dos indivíduos integrantes da comunidade LGBTQIA+ não se deve à sua orientação sexual em si, mas a estrutura social que os oprime.

Nesse diapasão, a conduta de psicólogos diante de pacientes homossexuais deve ser no sentido de acolhimento desse sofrimento e não na oferta de uma terapia de “reversão sexual” ou “cura gay”. A atuação do profissional de psicologia é ressaltada no Código de Ética Profissional do Psicólogo: há a vedação, em seu artigo 2º, alínea b, de “induzir a convicções políticas, filosóficas, morais, ideológicas, religiosas, de orientação sexual ou a qualquer tipo de preconceito, quando do exercício de suas funções profissionais”.⁹

Assim, como a personagem Dra. Rao expõe um discurso de cura para aqueles que estão doentes, em nossa realidade psicólogos ingressaram com Ação Popular contra o Conselho Federal de Psicologia com o objetivo de surtar os efeitos da Resolução n. 001, de 22 de março de 1999.

A Ação Popular nº 1011189-79.2017.01.3400 advoga que a Resolução restringe a liberdade de pesquisa científica; Rozangela Alves Justino e outros autores apontam a incompatibilidade da Resolução n. 1/1999 do Conselho Federal de Psicologia com o inciso IX do art. 5º e o inciso III

⁹ CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Código de Ética Profissional dos Psicólogos, Resolução n.º 10/05, 2005, p 9. Disponível em: <<https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/codigo-de-etica-psicologia.pdf>>. Acesso em: 18 abri. 2022.

do art. 216 da Constituição da República, sendo um ato de censura que impede o psicólogo de desenvolver atendimentos para homossexuais.

Do mesmo modo que no universo mutante o motivo da cura está escondido numa exposição de motivos superficiais e envolto em liberdades de escolhas; é nítido o viés discriminatório e preconceituoso que essas ações possibilitam e buscam.

O juízo da 14^a Vara Federal da Seção Judiciária do Distrito Federal julgou parcialmente procedente a ação popular nº 1011189-79.2017.4.01.3400 em acolher o disposto no art. 5º, incisos IX, XIII e LXXIII, c/c art. 216, III, da CRFB, para determinar ao CFP que se abstenha de interpretar a Resolução n. 001/1999 de modo a impedir os psicólogos, sempre e somente se forem a tanto solicitados, no exercício da profissão, de promoverem os debates acadêmicos, estudos (pesquisas) e atendimentos psicoterapêuticos que se fizerem necessários à plena investigação científica dos transtornos psicológicos e comportamentais associados à orientação sexual, previstos no CID – 10 F66.1” (Ação popular n. 1011189-79.2017.4.01.3400 fl. 14)

Contra a decisão, o Conselho Federal de Psicologia ingressou com Reclamação Constitucional 31.818, solicitando concessão de liminar para suspender os efeitos da sentença proferida em favor da ação popular, pois a decisão proporciona o entendimento que a homossexualidade é uma patologia que necessita de tratamento:

a partir da prolatação da decisão reclamada, o ordenamento jurídico brasileiro passou a admitir, implicitamente, que a condição existencial da homossexualidade no Brasil, ao invés de constituir elemento intrínseco e constitutivo da dignidade da pessoa, retrocedeu no tempo, a fim de considerá-la uma patologia a ser supostamente tratada e curada através dos serviços de saúde, dentre os quais, a atuação de psicólogas e psicólogos (BRASIL, Supremo Tribunal Federal RCL 31818 / DF)

O Supremo Tribunal Federal (STF), em decisão proferida pela ministra Carmen Lucia, determinou o arquivamento da Ação Popular e reafirmou a integridade da Resolução, seguindo o entendimento estabelecido na mesma. (Supremo Tribunal Federal RCL 31818 / DF).

A decisão torna-se especialmente relevante quando estamos diante de debates sobre questões relativas a direitos de grupos minoritários que constantemente sofrem discriminação em nossa sociedade e principalmente no Congresso Nacional. A comunidade LGBTQIA+, cuja dignidade e igualdade é tema persistente em debates depreciativos, é um exemplo que ilustra bem esse cenário.

A Resolução do CFP, desde 1999 (ano da sua divulgação), objetiva proteger o mínimo de direito aos homossexuais, qual seja a determinação que não há um tratamento para onde não existe doença. Como consignou o Min. Celso de Mello, “a proteção das minorias e dos grupos vulneráveis qualifica-se como fundamento imprescindível à plena legitimação material do Estado Democrático de Direito”¹⁰.

Dado que a Constituição Federal protege os princípios da igualdade e da dignidade da pessoa humana.

É possível falar em um direito fundamental ao reconhecimento, que é um direito ao igual respeito da identidade pessoal. Trata-se de um direito que tem tanto uma faceta negativa como outra positiva. Em sua faceta negativa, ele veda as práticas que desrespeitem as pessoas em sua identidade, estigmatizando-as. Na dimensão positiva, ele impõe ao Estado a adoção de medidas voltadas ao combate dessas práticas e à superação dos estigmas existentes. (SARMENTO, Daniel, p 257, 2018)

Hopkins (2009) entende que a discussão sobre a cura, de um modo mais amplo, refere-se àquilo que a sociedade julga como normal e anormal, ou seja, que ela legitima por meio de sua postura frente à questão. “Normal” aqui seria aquilo encarado como natural. O desejo pela cura, manifestado por alguns mutantes do universo Marvel, denota o fato de que são seres sociais com forte desejo de pertencimento de um grupo e aceitação da sociedade em que estão inseridos, implicando a busca por características em comum e sua anulação enquanto mutante.

Essa visão de curar aquilo que não é considerado normal em nossa sociedade através de um olhar limitado heteronormativo humilha e inferioriza os grupos minoritários. A discriminação realizada afeta diretamente a dignidade e a igualdade, afinal, como ressalta Roger Raupp Rios (2010), “sexualidade e gênero são dimensões fundamentais na construção da subjetividade e na configuração da vida social”¹¹.

A sociedade ainda se assusta com o que foge da forma estabelecida como normal. Como ressaltaram Maria Berenice Dias e Letícia Benevich (2014), “considerar o outro como doente é

¹⁰ BRASIL. Supremo Tribunal Federal. Segunda Turma. AG.REG. no Recurso Extraordinário 477.554 Minas Gerais. Relator: Min. Celso De Mello. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/dl/re-477554-agr-ementa.pdf> Acesso em: 25 de abri. 2022.

¹¹ RIOS, Roger Raupp. Direito da antidiscriminação, sexo, sexualidade e gênero: a compreensão da proibição constitucional de discriminação por motivos de sexo. In: SARMENTO, Daniel; IKAWA, Daniela; PIOVESAN, Flávia (coord.). Igualdade, diferença e direitos humanos. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2010.

muito mais fácil que ver nele um igual, com trajetórias diferentes, mas, sobretudo, com a mesma cidadania dos demais integrantes da sociedade”.¹²

A realidade e a ficção se entrelaçam em uma percepção de representação e reconhecimento das adversidades encontradas na vida social de indivíduos que divergem da normatização. O arco dramático protagonizado pelos mutantes refletem a realidade dos homossexuais que são perseguidos pelo Estado. Como se demonstra na possibilidade de uma “cura gay”, discutida no âmbito judiciário brasileiro, do mesmo modo que os mutantes são tratados como grupos patológicos passível de tratamento.

CONCLUSÃO

Parafraseando Caetano Veloso, “onde queres normalização, diferente. Onde queres cura, não há doença. Onde queres ficção, realidade”. A sociedade em sua base primordial e constitucional preconiza o princípio da dignidade humana e o respeito entre os indivíduos. Em contrapartida, a humanidade ainda carrega em seu seio uma carga de indiferença com aquilo que fuja do seu controle. As histórias em quadrinhos evidenciam as lutas e percalços percorridos por grupos marginalizados.

Durante a construção do universo mutante, a narrativa transporta para o mundo ficcional os dilemas inerentes dos homossexuais (e de outras minorias na forma alegoria). Os mutantes desde a sua concepção, de acordo com o demonstrado, tem um forte apelo na retratação de lutas individuais de autoaceitação e na forma de discriminação da sociedade pelo diferente.

Aquilo que se desprenda da normatização, o Estado tente a neutralizar. O mecanismo de “patologizar” a homossexualidade expõe o ataque dos entes de poder que utilizam do legislativo e judiciário brasileiro para disseminar a discriminação baseada em estudos hipotéticos.

Conforme apresentado nesta pesquisa, o movimento da realidade brasileira é exposto nas vivencias dos X-Men. A realidade é utilizada como inspiração para desafios dos mutantes; por trás

¹² DIAS, Maria Berenice; ZENEVICH, Letícia Um histórico da patologização da transexualidade e uma conclusão evidente: a diversidade é saudável. *Gênero & Direito, [S. l.]*, v. 3, n. 2, 2014. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/81173058-Um-historico-da-patologizacao-da-transexualidade-e-uma-conclusao-evidente-a-diversidade-e-saudavel.html>> Acesso em: 15 abr. 2022

de toda atmosfera ficcional, a fantasia é utilizada para transmitir uma mensagem de aceitação para o grande público.

Tal como a construção do universo mutante que visa retratar os desafios daqueles que são considerados diferentes em nossa sociedade. O presente artigo evidencia, em sua estruturação, a relação entre os mutantes e os homossexuais, principalmente quando estamos diante de uma possível liberdade de escolha sobre um tratamento de uma patologização que não existe.

O gene mutante e a diversidade sexual – e principalmente liberdade de ser o que é –, são dilemas sinônimos. Na ficção a cura é fornecida por um alienígena que objetiva aniquilar os mutantes utilizando da ciência e do Estado. No Brasil o legislativo e o judiciário são as ferramentas utilizadas para disseminar a discriminação.

Visto que a homossexualidade encontra-se respaldada cientificamente na Resolução CFP n. 001/99 que, em seu artigo 3º, preconiza que não cabe ao psicólogo, mesmo quando solicitado, promover tratamento de reorientação sexual, quando, na verdade, deve-se respeitar a pessoa fragilizada em sua autonomia sexual, orientando-a no sentido de seguir sua vida com dignidade, liberdade e autonomia, pois não se trata de uma doença.

Isto posto, as HQs não são uma solução para lidar com o preconceito, mas sim um meio para dar destaque aos dilemas enfrentados em nossa sociedade. Fazer com isso um portal que enfatiza a consciência social, deixando em outro plano o entretenimento.

REFERÊNCIAS

BEAZLEY, M.; YOUNGQUIST, J.; BRADY, M. **Enciclopédia Marvel**. São Paulo: Panini Comics, 2005.

BRASIL. Seção Judiciária do Distrito Federal. 14ª Vara Federal. **Ação Popular nº:1011189-79.2017.4.01.3400. Juiz Federal: Waldemar Claudio de Carvalho**. Brasília, 15 de dezembro de 2017.

BRASIL. Supremo Tribunal Federal. **Reclamação 31.818 Distrito Federal**. Relatora: Min. Cármen Lúcia. Brasília, 6 de dezembro de 2019.

BRASIL. Supremo Tribunal Federal. Segunda Turma. **AG.REG. no Recurso Extraordinário 477.554 Minas Gerais. Relator: Min. Celso De Mello.** Disponível em: <https://www.conjur.com.br/dl/re-477554-agr-ementa.pdf> Acesso em: 25 de abril, 2022

BRASIL. Câmara dos Deputados. **Projeto de Lei Ordinária PL 4931/2016.** Disponível em: https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=node0hft8jyj8mq2b1g6btcp5ml7hn12717076.node0?codteor=1448894&filename=PL+4931/2016 Acesso em: 18 abril, 2022.

CARVALHO, Salo de. **Criminologia do preconceito: racismo e homofobia nas Ciências Criminais.** São Paulo: Saraiva, 2017

CHITWOOD, Adam. **The Epic Bryan Singer Interview: 'X-Men: Apocalypse', the Superhero Genre, Timelines and More.** Disponível em: <https://collider.com/bryan-singer-x-men-apocalypse-interview/>. Acesso em: 12 de abril, 2022.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Código de Ética Profissional dos Psicólogos, Resolução n.º 10/05, 2005.** Disponível em: <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/codigo-de-etica-psicologia.pdf>. Acesso em: 18 abril, 2022.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **RESOLUÇÃO CFP N.º 001/99 DE 22 DE MARÇO DE 1999.** Disponível em: https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/1999/03/resolucao1999_1.pdf Acesso em 18 de abril, 2022.

Daniel Sarmiento. **Dignidade da Pessoa Humana: conteúdo, trajetórias e metodologia.** 2. ed. Belo Horizonte: Fórum, 2018.

DIAS, Maria Berenice; ZENEVICH, Leticia **Um histórico da patologização da transexualidade e uma conclusão evidente: a diversidade é saudável.** *Gênero & Direito, [S. l.]*, v. 3, n. 2, 2014. Disponível em: <https://docplayer.com.br/81173058-Um-historico-da-patologizacao-da-transexualidade-e-uma-conclusao-evidente-a-diversidade-e-saudavel.html> Acesso em: 15 abr. 2022

EARNEST, William. **Making Gay Sense of the X-Men.** In: BRUMMETT, Barry (Edit.). *Uncovering hidden rhetorics: Social issues in disguise.* Thousand Oaks: Sage, 2007.

ETKIN, Jaimie. **Ian McKellen's Powerful Message To Those Living In The Closet.** 2014. Disponível em: https://www.buzzfeed.com/jaimieetkin/ian-mckellen-ellen-page-living-in-the-closet?utm_term=.rmElaAv0l#.lv2W974NW Acesso em: 12 de abril, 2022.

HALL, Stuart. **Cultura e representação.** Rio de Janeiro: PUC: Apicuri, 2016.

HOPKINS, P. D. **A Sedução do Normal:** Quem não quer ser mutante? In: Irwin, W. (Org.). X-Men e a filosofia: visão surpreendente e argumento fabuloso no X-universo mutante. (Trad. Marcos Malvezzi). São Paulo: Madras, 2009.

LEE, Stan. **Homenagem Mensagem de Stan Lee.** Youtube, 12 de nov. de 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=A11TDdwgOxA>> Acesso em: 24 de abri. 2022.

Marvel Por Trás da Máscara. Direção: Michael Jacobs. Produção: Marvel New Media. 2021. Disponível em: DisneyPlus. Acesso em: 24 de abri. 2022

MCGOVERN, Joe. **Q&A: 'X-Men' director Bryan Singer on Iceman coming out in comic book.** 2015.<<https://ew.com/article/2015/04/22/bryan-singer-xmen-iceman-gay/?hootPostID=2e16a330f3c15599b3dc305132beff54>> Acesso em: 12 de abri. 2022.

OLIVEIRA, Selma Regina Nunes. **Mulher ao quadrado:** As representações femininas nos quadrinhos norte-americanos: Permanências e ressonâncias. Brasília: UNB: Finatec, 2007.

REBLIN, Iuri Andréas. **Para o alto e avante:** uma análise do universo criativo dos super- heróis. Porto Alegre: Asterisco. 2008.

RIOS, Roger Raupp. **Direito da antidiscriminação, sexo, sexualidade e gênero:** a compreensão da proibição constitucional de discriminação por motivos de sexo. In: SARMENTO, Daniel; IKAWA, Daniela; PIOVESAN, Flávia (coord.). Igualdade, diferença e direitos humanos. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2010.

SANTOS, Fábio. Terra. **Homossexualidade não é doença segundo a OMS; entenda,** 2011. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/vida-e-estilo/saude/ha-21-anos-homossexualismo-deixou-de-ser-considerado-doenca-pela-oms,0bb88c3d10f27310VgnCLD100000bbcecb0aRCRD.html>> Acesso em: 25 de abri. 2022

WHEDOW, J.; CASSADAY, J. **Surpreendentes X-Men Volume 1 - Superdotados.** Panini Comics, 2008.

X-Men 3: O Confronto Final. Direção: Brett Ratner. Produção: Lauren Shuler Donner, Ralph Winter, Avi Arad. Roteiro: Simon Kinberg, Zak Penn. Produtora 20th Century Fox Marvel Entertainment, Ingenious Film Partners, The Donners' Company. Distribuição: 20th Century Fox. 2006. Disponível em: DisneyPlus. Acesso em: 24 de abri. 2022.

X-Men, o filme. Bryan Singer. Direção: Bryan Singer. Produção: Avi Arad, Stan Lee, Richard Donner, Tom DeSanto. Roteiro: David Hayter. Produtora: 20th Century Fox, Marvel Studios, Bad Hat Harry Productions, The Donners' Company. Distribuidora: 20th Century Fox. 2000. Acesso em: 17 de abri. 2022



A CURA DO GENE MUTANTE REPRESENTADA NO UNIVERSO
DOS X-MEN E A SEMELHANÇA COM OS PRECEITOS DA
DENOMINADA CURA GAY

IURI SIMÕES MOTA
BRUNO NEVES

ZAMBRANO, Elizabeth; HEILBORN, Maria Luiza. “Identidade de gênero”. In: Antônio Carlos de Souza Lima (Org.) **Antropologia e Direito: Bases para um Diálogo Interdisciplinar**. Brasília: Associação Brasileira de Antropologia, 2007.

Recebido em: 23/05/2022 / Aprovado em: 23/06/2023